

Formação educacional fora da trilha: com a palavra, um sujeito do campo e as suas memórias

José Raimundo Oliveira Lima¹

Resumo

Este trabalho contempla uma narrativa sobre a história de vida, formação e profissão de um ex-morador da zona rural, no semiárido baiano, considerado como caso de “sucesso” no que concerne à sua carreira acadêmico/profissional. Trata-se da história de um personagem/sujeito advindo do meio rural, onde nasceu, cresceu e vivenciou os primeiros anos (Ensino Fundamental I e II) da sua trajetória de escolaridade/formação em uma escola multisseriada, cujas aulas eram ministradas por professor leigo. Ao refletir sobre si, esse sujeito evoca as suas memórias, analisa a sua trajetória e relembra as dificuldades e os percalços enfrentados desde o início dos estudos na escola rural, passando pelo ensino técnico noturno, o ingresso como professor em uma universidade pública, até a consolidação de sua trajetória enquanto pesquisador, cujo objeto de pesquisa, em nível de doutoramento, foi a economia popular e solidária imbricada num contexto geral da agricultura familiar e educação popular. Para ele, trata-se de uma importante política pública para o Território de Identidade Portal do Sertão e pode contemplar os processos educativos vividos ao longo dessa história de vida.

Palavras-chave

História de vida. Meio rural. Desenvolvimento educacional. Economia popular e solidária. Agricultura familiar.

¹ Doutor em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia, Brasil; professor titular da Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia, Brasil; coordenador do Programa Incubadora de Iniciativas da Economia Popular e Solidária (IEPS/UEFS); vice-coordenador do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial (Mestrado); líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Economia Popular e Solidária e Desenvolvimento Local Solidário (GEPOSDEL/UEFS). E-mail: zeraimundo@uefs.br.

Educational education outside the track: with the word, a countryside subject and its memories

José Raimundo Oliveira Lima²

Abstract

This work contemplates a narrative about the life history, formation and profession of a former resident of the rural area, in the semi-arid state of Bahia, considered as a case of “success” in relation to his academic/professional career. It is the story of a character / subject coming from rural areas, where the first years (Elementary School I and II) were born, grew up and lived from his trajectory of schooling / training in a multi-seriate school, which classes were taught by a layman teacher. As he reflects on himself, this subject evokes his memories, analyzes his trajectory, and recalls the difficulties and obstacles that have appeared from the beginning of his studies in rural school, through night-time technical education, admission as a teacher in a public university, to his consolidation as a researcher whose research object at the doctoral level was the popular and solidary economy imbricated in a general context with family agriculture and popular education, for him, it is an important public policy for the Territory of Identity Portal do Sertão that can contemplate the educational processes lived throughout this life story.

Keywords

Life history. Rural environment. Educational development. Popular and solidary economy. Family agriculture.

² PhD in Education and Contemporary by Bahia State University, State of Bahia, Brazil; full professor at the Feira de Santana State University, State of Bahia, Brazil; coordinator of the Incubator Program for Initiatives of Popular and Solidarity Economy (IEPS/UEFS); deputy coordinator of the Postgraduate Program in Territorial Planning (Master); leader of the Study and Research Group on Popular and Solidarity Economy and Local Solidary Development (GEPOSDEL/UEFS). E-mail: zeraimundo@uefs.br.

Introdução

O sujeito habitante do meio rural, a despeito da sua inserção nas diversas iniciativas, em projetos e programas governamentais educacionais e de outras ordens, não tem sido ouvido na sua completude, especialmente, a partir de experiências exitosas que possam contribuir para uma perspectiva inovadora ou mais adequada ao processo educacional, por isso a dificuldade do desenvolvimento formacional no e para o espaço rural brasileiro, em especial, porque esse ambiente não representa as especificidades identitárias e concepção política de campo nem de roça presentes em cada história de vida.

Este trabalho contempla uma narrativa sobre a história de vida, formação e profissão de um ex-morador da zona rural, no semiárido baiano, considerado como caso de “sucesso” no que concerne à sua carreira acadêmico/profissional. Trata-se da história de um personagem/sujeito advindo do meio rural, onde nasceu, cresceu e vivenciou os primeiros anos (Ensino Fundamental I e II) e primeiro grau (morando na zona rural e estudando na cidade) da sua trajetória de escolaridade/formação em uma escola multisseriada, cujas aulas eram ministradas por “professores leigos³”.

Ao refletir sobre si, essa pessoa evoca as suas memórias, analisa as suas trajetórias e relembra as dificuldades e os percalços enfrentados desde o início dos estudos na escola rural, passando pelo ensino técnico noturno, o ingresso como professor em uma universidade pública, até a consolidação de sua trajetória como pesquisador, cujo objeto de pesquisa, em nível de doutoramento, foi a economia popular e solidária imbricada num contexto geral com agricultura familiar e os processos educativos de educação popular. Para ele trata-se de outra economia que pode ser uma importante política pública para o Território de Identidade Portal do Sertão⁴ e contemplar os processos educativos vividos ao longo de histórias como esta. Ao

³ O termo “Professor Leigo” é, de modo geral, empregado para designar os que trabalham nos anos iniciais do Ensino Fundamental e que não têm a formação em nível médio, na modalidade normal (antigo Magistério). De modo geral, os professores não habilitados lecionam em escolas localizadas em regiões de mais difícil acesso, nas zonas geográficas do país onde não existem faculdades ou universidades que possam frequentar. A existência de professores leigos é comum em países do terceiro mundo, nas áreas mais pobres e, principalmente, na zona rural.

⁴ O território é conceituado como um espaço físico, geograficamente definido, geralmente contínuo, caracterizado por critérios multidimensionais, tais como o ambiente, a economia, a sociedade, a cultura, a política e as instituições, e uma população com grupos sociais relativamente distintos, que se relacionam interna e externamente por meio de processos específicos, onde se pode distinguir um ou mais elementos que indicam identidade, coesão social, cultural e territorial. O Território Rural Portal do Sertão-BA está localizado na região Nordeste e é composto por 17 municípios: Água Fria, Amélia Rodrigues, Anguera, Antônio Cardoso, Conceição da Feira, Conceição do Jacuípe, Coração de Maria, Feira de Santana, Ipecaetá, Irará, Santa Bárbara, Santanópolis, Santo Estêvão, São Gonçalo dos Campos, Tanquinho, Teodoro Sampaio e Terra Nova.

analisar sua história de vida, vê-se que essa realidade objetiva guarda, certamente, alguma relação com sua origem, de modo que não se sabe se foi ele quem escolheu seu objeto de pesquisa ou se foi escolhido por este.

Com efeito, após ouvi-lo, nas entrelinhas do seu relato paira a seguinte reflexão: até que ponto o sujeito é completamente responsável por sua história de vida de “sucesso” ou não? Essa questão é de fato, complexa e norteará nossa reflexão neste trabalho, tendo em vista a objetividade das escolhas, a opção por uma trajetória de vida, compreendendo-se que a iniciativa pelas escolhas certas num ambiente de insegurança e incertezas parece ser bastante subjetiva e a ação do indivíduo segundo seus interesses, sua obstinação, não necessariamente tem dado certo (não serve como regra geral) ou provido “sucessos”.

Este trabalho é resultante da análise de alguns memoriais selecionados pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), no ano de 2010, no processo seletivo para doutorandos, que indicam a escolha do tema de pesquisa com base na possível influência da história de vida dos sujeitos.

Com efeito, este texto, a partir dessa introdução se norteará por uma discussão sobre memórias e histórias de vida enquanto elementos de suporte metodológico, no intuito de contribuir para a reflexão teórica sobre a temática. Em seguida, põe-se na íntegra o memorial selecionado de um sujeito que não será identificado, mas que vive momentos controversos entre a objetividade e a subjetividade nas opções que faz ao longo da sua vida, intitulado o sujeito com a palavra. Concluindo, serão feitas considerações a partir de reflexões sobre o relato apresentado.

Um breve relato sobre história de vida, memórias e memoriais

Após leitura de *Metamemória-Memoriais: travessia de uma educadora*, da professora Magda Soares, e concomitante comparação à leitura de alguns memoriais de colegas de doutoramento, passamos a ver os textos produzidos por eles de maneira mais elucidativa em relação a suas opções formativas. Percebemos o quanto de suas experiências, agregadas a estudos, bem como outras atividades de vida, não são articuladas num contexto mais amplo de suas visões de mundo a partir da possibilidade de estimular um coletivo, ou de demonstrar as influências sofridas, uma vez que seus escritos, certamente, sofreram algum tipo de

impulsional e também certamente estimulam e influenciarão naquilo que faz o sujeito diferente da simples ideia de indivíduo quando protagoniza suas escolhas.

Com efeito, entendemos que não é tão fácil escrever um memorial, por diversas razões, entre as quais destacamos: a) dificuldades de articular acontecimentos, fatos históricos marcantes em nossas vidas, sem dar um conteúdo personalístico, individualista, sem a exacerbação do caráter competitivo ou promotivo; b) Fazer com que os memoriais ganhem um caráter agregador do conhecimento coletivizado, social, de situações que certamente não são privilégios particulares, pois acontecem numa construção ideológica e por um objetivo comum, que é o trabalho ou a intenção de trabalhar com a educação, nos casos da área de educação (PPGEduC); c) manifestar sem temor sua visão de mundo através e articulada à sua prática profissional histórica, expondo sua intimidade, fragilidades, alegrias e frustrações.

Dessa forma, entende-se que a prática de memorial, bem como de relatos das histórias de vida dos sujeitos, é necessária como um exercício ético, moral e corajoso de manifestar nossas fraquezas e denunciar nossas relativas incompetências, ignorância em áreas que temos interesse, mas não estamos suficientemente preparados para sermos porta vozes de classes ou de linhas de pensamento, por exemplo. Para ilustrar, tomamos emprestado de Soares (1991) a questão do didatismo que pretende estabelecer-se como técnica de ensino, na medida em que ao nos arriscamos a ensinar sobre outras áreas do conhecimento, certamente, deturpamos um pouco aquilo que de fato os sujeitos pertencentes a elas pensam e expressam, até mesmo na própria dificuldade de externalizar seu aprendizado. Ou seja, não se pode falar pelo outro de forma igual ao outro, autor orgânico! O verdadeiro sentido do conteúdo elaborado pode ter conotações diversas segundo cada leitura. Entretanto, isso pode ser melhor colocado quando representa um coletivo ou uma visão de mundo acompanhada das influências vividas articuladas às práticas de trabalho (BOURDIEU, 2005).

As histórias de vidas apresentam marcas diferenciadas quanto aos lugares onde são edificadas. A despeito da concepção de campo, por exemplo, embora as categorias seguintes pareçam sinônimas, cabe aqui uma breve distinção entre ele, a ruralidade e a roça, pois nesses ambientes a evolução do conhecimento elaborado, sistematizado, tem sido historicamente prejudicada, talvez pela influência da própria história, escrita a partir de uma autorização política dominante.

Com efeito, a ruralidade tem se apresentado, de uma maneira geral, contrastando-se à urbanidade; modernamente, existem considerações de que as cidades pequenas são também ambientes rurais, o que é um risco do ponto de vista identitário: essa mistura entre residência urbana e rural, pois esses espaços abrigam culturas e modos de vida diferenciados. Quanto à ideia de roça, ela se aproxima mais da “imagem” de campo, construção mais política do espaço habitacional que remonta a costumes, hábitos, forma de falar, cultura, além da ideia de pertencimento ao espaço produtivo em que vive o sujeito.

Para Engels (1977), em *Guerra dos Camponeses*, o campo representa uma caracterização de classe oriunda do modo de produção feudal, e os camponeses possuíam uma identificação com a propriedade de um espaço habitacional e produtivo muito diferente da propriedade dos nobres (classe politicamente dominante), especialmente em tamanho e dinâmica de trabalho produtivo. Posteriormente, no processo da revolução industrial, início do capitalismo, os camponeses se “aliam” aos plebeus que não dispunham de terras nem de qualquer propriedade nas cidades, mas viviam em torno dos burgos⁵, contra a nobreza que detinha grandes extensões de terras, além do poder político. No processo de luta política, os plebeus se identificavam com os camponeses não participantes da nobreza e alguns foram considerados “homens da roça” (adaptados ao campo), um indivíduo de certa forma deslocado de um contexto social e produtivo articulado à produção maior, sem espaço político na sociedade, o que era definido pela posse; como, aliás, funcionava o processo político de dominação.

A concepção de roça, entretanto, originou-se a partir daqueles que trabalhavam num pequeno pedaço de terra, normalmente, agregado a uma fazenda, sem o título de propriedade. Essa condição facilitava a posição de submissão ou de disposição a uma representação política da classe dominante, ou seja, o nobre, o fazendeiro, e em formas mais recentes, a fazenda empresa, as “indústrias verdes”, entre outras. Apesar dessa variedade de identificação, o “homem da roça” que trabalha para esses “negócios” continua indo para a roça; é sempre um lugar onde ele trabalha, mas, nunca é dele em posse, embora habite na roça. Essa posição de não ser proprietário, não ter renda certa, não estar apto ao trabalho industrial – porque a escolarização era oferecida àqueles que tinham posse; famílias de certa forma abastadas e que podiam contratar alfabetizadores –, os colocava ideologicamente inferiorizados, como rudes, de universo imaginativo pequeno, incapazes de aprender a leitura etc.

⁵ Divisão administrativa em vários países. Em princípio, o termo designa uma cidade murada autogovernada, embora, na prática, o uso oficial do termo varia amplamente.

Nesse contexto, é interessante ressaltar o papel das instituições, especialmente a Igreja nos países periféricos⁶, caso do Brasil, na ação de catequização em alguma modalidade de ensino, embora tenha prevalecido no entorno dos “povoados” e não na roça. Com efeito, observa-se que a roça, além de um lugar exclusivamente de trabalho para pessoas sem formação específica e sem posses⁷, de uma maneira geral é um termo pejorativizado, pois ao longo dos anos indicou a ideia de incapacidade cognitiva e rusticidade, negando a existência de um sujeito “formado” em sua trajetória de trabalho e por meio de uma educação popular oralizada. Existe um sujeito, bom, trabalhador, e civilizado por meio de muito trabalho, de uma educação popular oralizada, ainda que nunca lhe tenha rendido a autoria política do seu fazer diário. Essa perspectiva é observada no relato deste sujeito que por conta do seu suposto “sucesso”, cujo feito ele mesmo não sabe a quem atribuir, mas acredita que não seja um simples mérito seu e, sim uma circunstância que poderia também tê-lo conduzido à condição mais comum, o insucesso.

Com a palavra, o sujeito do “campo” e suas memórias

“Em 1991 ingressei no curso Ciências Econômicas na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) após ter vindo da roça aos 17 anos, ingressado na 5ª série aos 15 anos. Em todas as avaliações dos diretores de escola, coordenadores pedagógicos sobre os grupos que formavam as séries, eu era uma tentativa perdida, ou seja, não valeria a pena investimento do Estado em pessoas assim, com esse perfil. Paradoxalmente, mais adiante, para meus amigos da roça, eu tinha acertado na loteria ou era uma pessoa fora do normal por ter passado no vestibular, entre outros resultados. Concluí, em 1988, o curso técnico em Contabilidade, noturno, numa escola pública, e trabalhando durante o dia no comércio numa loja de material de construção, posteriormente, numa lanchonete, depois numa farmácia, porque precisava adquirir meu sustento para me manter na cidade estudando (bem, parece-me que estudar era meu objetivo acima de tudo, mas não tenho muita certeza disso, pois não me restava outra alternativa para conseguir condição de viver um pouco melhor).

Nesse mesmo período, o sindicato do comércio e o movimento estudantil secundarista me despertavam para a importância dos movimentos organizados, nos quais militei durante

⁶ O comércio internacional ainda se caracteriza por ser dominado por um grupo de países centrais, onde quem leva prejuízos são os países que em sua maioria são os periféricos ou subdesenvolvidos. Aproximadamente 70% do comércio mundial e 80% das exportações de manufaturados estão sendo dominados pelos países centrais.

⁷ Substantivo feminino plural que indica ter bens; as propriedades, os imóveis, os bens financeiros que uma pessoa possui: é um “fazendeiro de posses”.

alguns anos, mas não tive cursos de formação política como se tem atualmente. As leituras dos panfletos políticos que denotavam uma ideia de lado, classes sociais, pareciam-me indicar um lugar de onde eu pudesse me posicionar, me achar pertencente. Começo a entender, então, que ser da roça faz sentido, tem características próprias, e isso precisa ser respeitado e que eu não precisava voltar para lá no sentido de defender aquele lugar, podia fazê-lo daqui mesmo ou de qualquer outro lugar, entretanto, compreendia também que cada vez que minha visão de mundo se ampliava eu me distanciava ainda mais de uma ação no meu lugar de origem. Não modifiquei meu jeito de falar como queriam alguns professores ‘formar um perfil de estudado, mais profissional’, pois não me sentia bem, mas também acho que não iria conseguir, pois isso nunca foi um grande problema para mim, apesar de a todo momento ser ‘xingado’ de roceiro. Existe sim, uma comparação tal como rico/pobre, feio/bonito também a comparação entre urbano/rural e da cidade/da roça que é bem pior, ou pelo menos era à época.

No movimento estudantil, tive a oportunidade de viver mais próximo das atividades da escola e da vida diária do professor, o que passou a me influenciar para as atividades docentes e, por isso, no intervalo entre o curso técnico de 2º grau e o acesso à graduação, deixei de trabalhar no comércio e passei a trabalhar num cursinho (lavava banheiro, limpava o quadro, ficava na portaria etc.), em troca de assistir algumas aulas, uma vez que, tendo vindo da zona rural e de família de baixa renda, com 10 irmãos para alguns deles sustentar, oriundo do ensino multisseriado com ‘professor leigo’, não tinha condições de ingressar direto na Universidade Pública, pois era de longe a mais concorrida, além de que a universidade privada seria impensável pelo próprio preço a ser pago, já fazia essa avaliação. Alias, faziam ‘gozação’, brincadeiras, quando eu dizia que queria fazer universidade.

Meu ingresso na Universidade foi marcado por algumas contradições importantes no panorama de minha vida acadêmica: primeiro pensei no vestibular para o curso de licenciatura em Geografia por, certamente, influências de alguns motivos como proximidade do estudo da realidade do campo, mais precisamente da roça, da vida difícil com a criação de pequenos animais com os quais criava até certo vínculo afetivo: não tinha dor pior do que ter que matar ou vender uma galinha, um passarinho, um carneiro, uma vaca, um jegue que eu mesmo alimentava à mão! (em grandes propriedades não dá para criar vínculos com os animais, pois eles são muitos e não vivem em volta da casa em que moramos!). Vivi essa realidade até os 18 anos. A primeira escolha, curso de Geografia, também foi influenciada

por ser menos concorrido (precisava ingressar urgente para não ser ‘desvirtuado’ pela necessidade de trabalhar para sobrevivência ou ser vencido pelo cansaço) e; finalmente, por ser uma licenciatura, pela perspectiva da docência; até então não gostava da figura do professor, achava autoritário, ‘brabo’, intolerante, insensível. Entendia que o professor para ser bom não necessitava ser assim, precisava compreender as dificuldades dos alunos e para isso tinha que construir uma relação amigável. Talvez, eu já estivesse refletindo sobre o pensamento de Paulo Freire no que se refere à necessidade de envolver o universo cognitivo dos interessados em aprender e ensinar, ninguém ensina ninguém se ambos não estiverem dispostos à busca comum pelo conhecimento, ou seja, é preciso envolvimento e disponibilidade, tanto para aprender quanto pra ensinar e não há como aprender e ensinar sem esforços.

Um ano depois de concluir o ensino médio, surge um concurso público na própria universidade, com duas vagas para Técnico em contabilidade: minha formação de 2º Grau, para o qual fui aprovado em 1º lugar – aí foi o primeiro grande resultado, ‘sucesso’! Acabou o medo de ficar desempregado; a vergonha de ser da roça não era mais um atestado de incompetência e tudo começou a ser delineado e, já planejado por mim mesmo, eu já acreditava em mim! E principalmente, nos resultados dos estudos, sobre os quais era constantemente cobrado: ‘fulano diz que foi pra Feira [de Santana] estudar, mas cadê os resultados desse estudo? Será que está estudando mesmo, ou vagabundando?. Será que não está fugindo da dureza do trabalho da roça?’.

Na sequência vem mais um resultado! O curso de Ciências Econômicas surge, então, como uma escolha de tudo que eu mais queria (foi outro bom resultado, outro ‘sucesso’. Digo isso porque eu sentia prazer em ficar na universidade, se fosse preciso eu dormiria por lá sem nenhum problema, como, aliás, o fiz em algumas oportunidades, em tempos de movimento estudantil), me encantei pelo curso logo ao conhecê-lo, ainda no curso de Geografia, através da disciplina Introdução à Economia, acredito que minha formação técnica em contabilidade e a militância política no movimento estudantil secundarista, as bancas de matemática e física que dei para alunos do ensino fundamental e médio e a proximidade da docência foram fatores fundamentais para gostar de Economia. A disciplina Introdução à Economia me mostrou a história do pensamento econômico, o posicionamento das classes na produção, a leitura de livros como *A história da riqueza do homem*, de Léo Huberman; *A riqueza das nações*, de Adam Smith; *A origem da família, da propriedade privada e do estado*, de

Engels; *O capital*, de Karl Marx; *a Renda da Terra*, de David Ricardo, foram fundamentais na minha motivação para continuar estudando. Essas leituras foram repetidas várias vezes, mas confesso que ainda não dou conta, dada a sua complexidade e a importância que vislumbro nelas.

Daí em diante tudo começou a se concatenar. No quarto semestre fui monitor da disciplina Teoria Marxista, por meio da qual pude ler melhor as obras supracitadas, bem como outras, e discuti-las. Tudo me apontava para uma análise política e histórica da evolução humana, especialmente, para a relação de classes sociais e a importância do trabalho, eu era o próprio sujeito em questão!

Nos semestres seguintes até a conclusão da graduação em 1998, participei ativamente do movimento estudantil, chegando a ser Presidente do Diretório Acadêmico do Curso de Ciências Econômicas, do Diretório Central dos Estudantes, Representante Discente junto ao Departamento de Ciências Sociais e Aplicadas e no CONSEPE (Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão), já estava me sentindo autônomo e a essa altura já tinha perdido quase que completamente o medo de me posicionar, falar em público e defender posições.

No sexto semestre, foi a gota d'água! Outro momento de 'sucesso'! Comecei a lecionar como estagiário numa escola pública noturna, no curso de Técnico em Administração, chamada Santa Isabel, no município de Feira de Santana, da qual guardo belas recordações; entendia as dificuldades dos alunos como se fossem minhas, via-me naquele lugar! Sinto que fui muito mais do que qualquer professor que tive em toda minha vida; emociona-me até hoje a construção de laços, de estima e aprendizagem, porque passei a, auto didaticamente, buscar soluções para os desafios da sala de aula; não conhecia nada de pedagogia nem didática do ponto de vista formal, meus professores nunca me falaram disso, a meu ver os bacharelados (economia, minha formação) carregam esse problema quanto ao ensino, mas, eu sabia que aqueles sujeitos não eram uma 'tábula rasa', sem conteúdo como diziam, aliás, como ouvi ao meu respeito em algumas passagens na escola. Penso que os 'educadores' devem uma explicação sobre a construção do conhecimento, a forma/formas como as pessoas aprendem, para mim ainda não é uma questão resolvida. Voltando à Escola Santa Isabel, as turmas eram compostas por estudantes trabalhadores/as, batalhadores/as, outros desempregados/as que deixavam o dia livre para a procura de empregos ou fazer um 'bico' qualquer, cansados de um dia de trabalho, da procura por ele, mas com sonhos bastante vivos, por isso estavam ali: 'em busca de uma vida melhor através da educação'. Muitos

deles remanescentes do campo (não era campo! E sim, roça mesmo!) de pequenos municípios ao redor do Município de Feira de Santana, ou de povoados/comunidades circunvizinhas, de famílias pobres, outras falidas que cresceram em quantidade de filhos e a pequena roça não mais suportava sustentá-los; discriminados por serem da roça, pois não tinham grandes propriedades e já eram estereotipados com o ‘não saber falar’, estudar, ‘falavam como roceiro’!

Bem, começo a perder a ordem do texto, mas, enfim. Existem outros acontecimentos anteriores em minha vida (nascimento de parteira no mato como se falava na roça à meia noite e em meio a fortes chuvas; em noite de samba de candomblé disfarçado; fui transportado em ‘cama de vento’, espécie de maca improvisada, até 12 km de um transporte mais próximo para ser levado ao único médico que havia numa cidade mais próxima: acho que também não iria ter médico por lá nesse dia, naquele tempo, naquele lugar! Andar por dentro dos pastos se desvencilhando de ‘vacas paridas’ e enxames de abelhas por 12 km ou mais para estudar com aquele professor leigo em turmas multisseriadas, ingressar no ginásio aos 15 anos quando não se esperava mais ir adiante nos estudos e ser ‘jogado’ numa turma daqueles alunos ‘sem futuro’: repetentes, ‘pescadores’ (aqui é cola!), bagunceiros, em idade avançada, ‘da roça’, que não queriam trabalhar e os pais da cidade obrigavam a ir para escola, enfim, tem muito mais! Mas, vou ficando por aqui!).

Acredito que esses fatos devem ter marcado muitas outras histórias de vidas parecidas que não imagino qual tenha sido o desfecho, pois, não sei se é possível, nessas condições, traçarmos qualquer trajetória de sucesso, principalmente, uma formação acadêmica: é completamente incompatível (já faz algum tempo que os futuros acadêmicos estão em grupos de pesquisa, têm bolsas, restaurantes, transportes, residência universitária, são acompanhados, orientados de perto para a iniciação científica por professores que têm uma visão ampla do conhecimento, visão de mundo e cultura geral que por si só já ensinam bastante na ralação e vivência diária, etc.). Dificilmente, o ‘indivíduo’ nas minhas circunstâncias pode planejar um futuro nessa perspectiva; a objetividade da sobrevivência o leva para o caminho que está a sua frente, se for exitoso, ótimo! ‘Mas, o normal é não ser’”.

A trajetória acadêmica em si

“Tudo isso pode parecer melancólico, mas, são experiências, sem as quais dificilmente eu teria tanta segurança no desejo e empenho pela docência, pela construção do conhecimento, apoderando-me de todas as possibilidades de aprendizagem, depois acreditando em quase ‘todas as histórias de alunos’, pois muitas delas poderiam ser/eram verdadeiras. Prossegui, então, na busca pela docência, já pensando em pesquisa e pós-graduação e, no ano de 1998, concluí o curso de graduação, em seguida fui selecionado para a Pós-Graduação em Gestão Empresarial na UEFS (uma concorrência altíssima, mas estudei firme e deu certo!), que se iniciou em 1999 e terminou em 2000. Nesse momento, através de uma professora de metodologia, conheci as ideias de Paulo Freire na Pedagogia do Oprimido: parece que ele estava falando para mim, dialogando diretamente comigo!

No ano seguinte (2001) fui aprovado na seleção de Mestrado em Gestão Integrada de Organizações. Não tenho vergonha de assumir que de certa forma ‘caí no conto do vigário’: sou um mestre ‘local’; só a UNEB reconheceu meu diploma, pois foi ela mesma quem criou o curso, mas confesso que para mim, tem o mesmo valor que qualquer outro; pois levei a sério, fiz um bom curso e aprendi muito, também não sabia dos tramites burocráticos que um programa *stricto sensu* deveria seguir, digo isso porque não tinha sequência de um programa de pós, nem linhas definidas. Foi lá que escolhi e defini minha área de pesquisa; agora com melhor formato no projeto que desenvolvi para doutoramento. Tal ideia levou a cabo (2003) minha dissertação intitulada: ‘Caracterização do Terceiro Setor na Economia de Feira de Santana/BA, a partir da lei da OSCIP de 1999’, tema esse que é fronteiro, mas de concepção política conceitual bastante diferenciada, ao projeto de estudo para o doutorado: ‘A Economia Popular e Solidária como possibilidade de desenvolvimento local’.

Paralelamente ao Mestrado, ingressei na docência em 1999, passei por diversas Universidades, tais como FTC - Feira de Santana, onde apesar do ensino privado, aprendi muito, principalmente no contato com o estudante que trabalha, paga seu próprio curso e acredita num futuro melhor; mesmo partindo de condição desigual, também fiz contato com aquele professor da universidade pública que para seu trabalho por lá está sempre ‘impedido por algum motivo, doente, acompanhando alguém da família etc.’ ou fazendo outra coisa de cunho particular, quando falta ao trabalho no serviço público, entretanto, lá na universidade privada era excelente professor, além de não faltar às aulas. Pasmem, mas isso existe! Mas,

penso que isso não é um problema do ‘serviço público’, nem específico de profissionais professores e sim do sujeito de ética e moral duvidosa.

Na UNEB, Campus de Camaçari fui professor substituto (aquele que faz tudo, leciona sobre todas as disciplinas e substitui ‘todo mundo’! Fiz tudo e não reclamei, pois queria aprender, além do mais, gostava do que fazia!); foi, para mim, uma das melhores experiências docentes, pus em pratica um projeto de extensão intitulado: ‘Transformando o Economês em Linguagem Popular’, uma espécie de nivelamento para os estudantes de outras área que não dominam a linguagem clássica da economia, mas que de alguma forma despertavam interesse e acreditavam ser útil: esse projeto de extensão foi, com os devidos melhoramentos, ao longo de 8 anos de docência, parte do meu projeto de doutorado.

Ingressei na UNEB novamente, agora em situação especial, maravilhosa, como professor assistente (reconhecimento do mestrado; dela mesmo!) em Bom Jesus da Lapa (outro grande desafio!). Conheci quilombos, a Comunidade de Rio das Rãs (recomendo a todos! é um grande modelo de comunidade dentro de uma sociedade moderna), Movimento dos Sem Terra, a Pedagogia da Terra. Como Professor Assistente (pasmem!) era referência em titulação e ninguém discutia o reconhecimento ou não do curso de mestrado, pelo menos nunca me disseram nada! Coordenei o Núcleo de Pesquisa e Extensão (NUPE); foi um grande desafio. Aprendi, ou pelo menos diminuíram um pouco as minhas dúvidas sobre a diferença entre projetos de pesquisa e extensão. Lá também, elaboramos o projeto para a implantação do curso de Bacharel em Administração, atualmente, funcionando muito bem.

Finalmente, ingresso na Universidade Estadual de Feira de Santana (2005) como professor assistente, na qual iniciei de fato a trilogia ensino/pesquisa/extensão de forma articulada e planejando um futuro na docência. No ensino, identifiquei-me com a disciplina Política e Programação Econômica, apesar de ingressar lecionando também Teoria Econômica Neoclássica e Monografia; quando para aquela disciplina elaborei Projeto de Monitoria; na Pesquisa, ingressei no CETEG (Centro de Tecnologia e de Gestão ao Desenvolvimento Regional), inscrito no CNPq em 2006, onde aprovamos financiamento de um projeto intitulado: ‘Formação de Formadores de Empreendedores Rurais’. Como pode um acontecimento desses?! Isso não foi planejado, aconteceu no meu caminho! Esse projeto tem como objetivo aproveitar as habilidades de estudantes e professores de escolas rurais (roça) no Município; aplicamos de certa forma, ‘lampejos’ do método Paulo Freire ao utilizar os conhecimentos provenientes de experiências de vida para as atividades de aprendizagem,

como manejo adequado do solo, medição, higiene na coleta de furtos e na manutenção do leite, entre outras habilidades, e tem sido muito gratificante já perceber alguns resultados, embora eu não tenha me dedicado a esse projeto como merecia.

Por fim na extensão, em 2008, tornei-me participante de um Projeto Institucional de Extensão intitulado ‘Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares Solidárias’, coordenado pela Pró-Reitoria de Extensão da UEFS, no qual está em fase de pré-incubação um grupo chamado COPERMASOL (Cooperativa Mão Solidárias), são mulheres excluídas do mercado formal de trabalho que produzem alimentação para entrega em domicílio. Também tem sido uma experiência promissora e me faz acreditar na Economia Popular e Solidária como um processo educativo de sustentabilidade capaz de transformar criticamente os sujeitos.

Ao longo desses nove anos de docência, orientei diversas monografias de conclusão de curso de graduação, co-orientei algumas de pós-graduação *latu sensu* e está em andamento uma co-orientação de pós-graduação *stricto sensu*, a grande maioria delas está na área do desenvolvimento local sustentável e dentro dos princípios e práticas da Economia Popular e Solidária.

Também nesse período participei de diversas Bancas ou Comissões Julgadoras, com destaque para uma última (setembro/2009), de Concurso Público para Professor Assistente da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (Campus de Cruz das Almas), para o Curso de Gestão de Cooperativas e Incubadoras Populares. Publiquei alguns trabalhos, com destaque para o mais recente, intitulado: ‘A Transformação da Arte/Música em Mercadoria’ o qual busca mostrar que no modo de produção capitalista quem se apropria do trabalho dos outros transforma qualquer ‘coisa’ em mercadoria, inclusive a arte/música, a homogeneíza; entretanto, o destaque desse estudo é a discussão sobre a teoria do valor-trabalho (Marx) em contraposição a teoria do valor-utilidade (neoclássicos da economia).

Na perspectiva de continuar no âmbito da pesquisa, cursei, como aluno especial para o Doutorado em Educação, a disciplina Economia e Educação na pós-graduação em educação da Universidade Federal da Bahia em 2003, lecionada pelo Professor Dr. Robert Verhine o qual nos orientou um estudo que mais tarde veio a se tornar capítulo de livro. Contudo, não pude prosseguir porque estava em estágio probatório na UNEB como professor e não estava podendo afastar-me dos encargos docentes, mas, foi bom ter dado esse tempo, pois agora sei

mesmo que quero cursar o Programa de Pos-Graduação em Educação e Contemporaneidade da UNEB; essa clareza se dá, especialmente, após ter cursado a Disciplina Educação e Movimentos Sociais nesse programa. Ressalto que agora estou apto a cursar normalmente, com tempo integral para estudar, e o farei.

É importante salientar que na UEFS, além da parte acadêmica, também venho desenvolvendo atividades importantes de gestão educacional por meio de alguns cargos, ainda que medianos, de Chefia, como Tesoureiro, Coordenador Orçamentário e Chefe da Unidade de Organização e Desenvolvimento Comunitário (esse não é mediano, tem poder de decisão, é um cargo considerado de primeiro escalão, mas cargos de chefia não me empolgam, já entreguei para me dedicar ao doutorado), órgão que congrega diversas coordenações (Residência Universitária, Serviço Social, Psicopedagogia, Creche, Escola do ensino fundamental, Restaurante Universitário, Serviço de Saúde, entre outros) e um contingente de 120 funcionários, esse setor depois veio a se tornar uma Pró-reitora. Ser gestor é algo desafiador, mas, também gratificante; não costumo fugir dos desafios que se apresentam como experiências que contribuem para o aprendizado de uma melhor gestão educacional e crescimento profissional.

No que se refere à participação em congressos, simpósios, seminários e outros eventos congêneres posso destacar o recente Seminário Nacional do Sistema de Informações em Economia Solidária, realizado em Salvador em agosto de 2009 para mapeamento dos empreendimentos econômicos solidários, pois guarda estreita relação com meu objeto de pesquisa; Seminário Nacional de Acompanhamento do PRONINC, Brasília-DF em 2008; participei como representante da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares Solidárias da UEFS quando na oportunidade se discutia as Políticas Públicas do governo federal para o segmento; a IV Feira do Semi-Árido com o tema ‘Desertificação e Desenvolvimento Sustentável’, Feira de Santana, UEFS, 2006, com apresentação de trabalho sobre as feiras livres em Feira de Santana; o II Fórum da Cidadania com o tema: ‘Responsabilidade Social e Poder Local’ em Feira de Santana, 2004.

Esses eventos, bem como outros tantos não citados, provocaram reflexos importantíssimos na minha vida e carreira acadêmica, sobretudo na definição do meu perfil, o qual se detém às questões relativas ao desenvolvimento socioeconômico das comunidades que de alguma forma posso vir a contribuir nas intervenções no sentido de auxiliar nesse desenvolvimento.

Por fim, não sei se há ou não espaço para homenagem recebidas nesse memorial, entretanto, as leio como gratificantes manifestações de apreço em aprovação ao trabalho desenvolvido ao longo de minha carreira acadêmica profissional, tais como: Professor Homenageado, Universidade Estadual de Feira de Santana – Formandos em Ciências Econômicas 2007; Professor Homenageado, Faculdade de Tecnologia e Ciências-BA – Curso de Ciências Econômicas, 2006; Professor Homenageado – Curso de Ciências Contábeis, Faculdade de Tecnologia e Ciências de Feira de Santana, 2006; Professor Amigo da turma de Bacharéis em Ciências Contábeis, Faculdade de Tecnologia e Ciências de Feira de Santana, 2006; Professor Homenageado, Faculdade de Tecnologia e Ciências de Feira de Santana – Curso de Ciências Contábeis, 2005; Professor Homenageado, Faculdade de Tecnologia e Ciências de Feira de Santana – Curso de Turismo, 2005; Funcionário Homenageado, Universidade Estadual de Feira de Santana, 1998.

Nessa esteira, insere-se o capítulo das aprovações em outros concursos quando não era ainda professor; é um capítulo à parte na minha história, muito gratificante, entretanto, nunca me senti influenciado por uma ‘carreira técnica’, ainda que em alguns casos tivesse que abrir mão de salários maiores a exemplo do de Auditor Fiscal para continuar persistindo em ser professor.

Nesse sentido, seguem algumas aprovações: aprovação em Seleção Pública para Professor Substituto da Universidade do Estado da Bahia (Campus de Camaçari), 2003; Aprovação em Concurso Gestor Governamental – Políticas Sociais da Secretaria de Administração do Estado da Bahia, 2002; Aprovação no concurso público nº034/93 do Banco do Brasil, 1993; Aprovação em Concurso Público – Técnico em Contabilidade para o quadro técnico administrativo da Universidade Estadual de Feira de Santana, 1989.

Com efeito, essas conquistas, denotam para mim, a busca ativa de um lugar; ‘mas, de forma nenhuma, o sentimento ou a necessidade de competir ou querer ser melhor do que o outro como algo de validade em si’.

Escolha do programa de pós-graduação em educação e contemporaneidade

“Agora já posso falar em escolha! A escolha desse programa para doutorar-me se dá por acreditar nos seus objetivos, em especial, no de contribuir para a elevação da competência acadêmica, científica e profissional da área de educação daqueles que atuam nas

universidades, nas redes de ensino, no setor público, nas organizações não governamentais e outras modalidades organizacionais da sociedade civil e, para o desenvolvimento local sustentável das comunidades em seu entorno social. Firma-se também na confiança nos postulados defendidos, entre tantos destaco a intervenção educacional, pressuposto que estabelece o desenvolvimento local como um dos eixos centrais de prioridades, representativos das maiores potencialidades e das principais carências da região. Consideramos que a educação é por si própria, um forte indicador de qualidade de vida, sendo ela medida pelo grau de acesso da população aos serviços, sua extensão, entre outros benefícios

Nesse contexto, a economia popular e solidária pode aparecer em diferentes formas de organização, em que as pessoas se responsabilizam por criar sua própria fonte de trabalho e renda, seja para ter acesso a bens e serviços de qualidade com preço justo, numa perspectiva solidária e de reciprocidade que articula os coletivos em detrimento dos interesses individuais, seja por uma relação produtiva sustentável, seja pelo aprendizado protagonizado pelos movimentos sociais, urbanos, rurais, do campo ou da roça, mas, que sejam norteados a partir dos ensinamentos como autogestão, cooperação, ação econômica e solidariedade, entre outros preceitos dessa natureza.

Com efeito, a partir deste relato acredito que quase tudo na minha vida daqui para frente, *ceteres paribus*, seja previsível, consolidar-me-ei como pesquisador e prosseguirei na vida acadêmica com muito mais vontade que em qualquer outra época da minha vida, não obstante tenha em mente que nunca deixarei de ser, antes de tudo um sujeito comum, simples, um homem da roça”.

Considerações finais

Antes de qualquer coisa, gostaríamos de ressaltar a dificuldade em relatar ou apontar questões atinentes à história de nossas vidas ou de qualquer outra pessoa, entretanto, muitas delas trazem impressões positivas, embora alguns casos sejam pertinentes de indagações, na medida em que nos revestimos de um posicionamento crítico motivado por leituras direcionadas neste sentido.

Atinando à questão central deste trabalho, que se reporta a até que ponto os sujeitos são responsáveis por suas próprias histórias e ao observar a história de vida desse sujeito, não encontramos justificativas reais para que tal fenômeno tenha acontecido por um planejamento próprio ou familiar, não desmerecendo sua competência técnica e o seu protagonismo, mas, podemos atribuir tal “sucesso”, até certo ponto, à sua trajetória, como a uma casualidade que logrou em seu favor, numa sequência de bons acontecimentos que probabilisticamente não se repetem comumente.

Essa história não deve ser considerada como referência para o sucesso de outras pessoas do ponto de vista de que basta seguir o que foi feito por esse sujeito que se obterá o mesmo efeito, pois muitos eventos podem influenciar resultados alternativos numa trajetória de vida. Os sujeitos não se constituem da mesma forma, por meio de um único método ou caminho. As trajetórias podem ser traçadas por pessoas de origem similar para rumos comuns ou divergentes. Entretanto, a subjetividade serve como elemento motivador, ainda não trabalhada, sobre a consciência a respeito da realidade externa ao próprio ser, num infindável processo de aprendizagem objetiva que o espera ao longo da vida.

Finalmente, gostaríamos de destacar o desenvolvimento/aprendizagem que, numa perspectiva de processos educativos, como o trabalho, o ambiente universitário, a militância política nas entidades representativas, certamente, articulou de forma exitosa, memórias “naturais” com memórias superiores numa proporção de “sucesso” que, certamente, fez com que esta aprendizagem incentivasse o seu desempenho e desenvolvimento.

Portanto, essas inferências são iniciais tendo em vista o universo de possibilidades potenciais deste trabalho, mas, apontam uma direção para a continuidade e o fortalecimento de estudos desta natureza a partir das memórias e histórias de vidas como instrumentos metodológicos que podem auxiliar consideravelmente nos processos de ensino/aprendizagem.

Referências

BOURDIEU, P. **Esboço para uma auto-análise**. Edições 70: Portugal, 2005.

ENGELS, F. **As guerras camponesas na Alemanha**. São Paulo: Editorial Grijalbo, 1977.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

PASSEGGI, M. C. e SOUZA, E. C. (Orgs.). **(Auto) Biografia**: formação, territórios e saberes, Natal: EDUFRN; São Paulo: PAULUS, 2008.

SOARES, M. **Metamemória-memoriais**: travessia de uma educadora. São Paulo: Cortez, 1991.

VIGOSTKI, L. S. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Submetido em 3 de maio de 2019.

Aprovado em 23 de julho de 2019.